

OS CAMINHOS DO PARKOUR EM VITÓRIA/ES

Recebido em: 25/08/2021

Aprovado em: 08/03/2022

Licença: 

*Paula Cristina da Costa Silva*¹

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Vitória – ES – Brasil

Vitor Ferreira Araújo

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Vitória – ES – Brasil

RESUMO: O Parkour é uma prática que vem ganhando espaço nas cidades brasileiras, uma vez que o mobiliário urbano apresenta um cenário perfeito para essa manifestação. O objetivo deste trabalho foi investigar o surgimento e o desenvolvimento do Parkour em Vitória, Espírito Santo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória, na qual se utilizou para a coleta de dados a entrevista estruturada com um praticante de reconhecido envolvimento com o Parkour. Com base nos resultados, estabeleceram-se as categorias que trataram da história do Parkour na capital capixaba, os aspectos pedagógicos de seu ensino-aprendizado e o perfil de seus praticantes. Foi possível constatar que o Parkour surgiu em Vitória em 2004 sob forte influência midiática. Seus participantes são na maioria jovens e seu desenvolvimento ocorreu por meio da divulgação empírica entre os grupos de praticantes e como forma de lazer e confraternização.

PALAVRAS-CHAVE: Parkour. Atividades de Lazer. Prática Corporal.

THE PATHS OF PARKOUR IN VITÓRIA/ES

ABSTRACT: Parkour is a practice that has been gaining ground in Brazilian cities which, with their urban furniture, form a perfect setting for its exercise. The objective of this work was to investigate the emergence and development of Parkour in Vitória/ES. This is an exploratory qualitative research. A structured interview with a practitioner with recognized involvement with Parkour was used for data collection. Based on the results, categories were established that dealt with the history of Parkour in Vitória, the pedagogical aspects of its teaching-learning and the profile of its practitioners. It was possible to verify that Parkour appeared in the capital of Espírito Santo in 2004 under strong media influence. Its participants are mostly young people and its development

¹ Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES). Líder do Laboratório de Ginástica e práticas corporais – LABGIN.

was based on empirical dissemination among groups of practitioners and as a form of leisure and socializing.

KEYWORDS: Parkour. Leisure activities. Body practice.

Introdução

De acordo com Perrière e Belle (2014), o Parkour é um esporte que tem suas origens nos subúrbios de Paris, França, e tem por significado “percurso”. David Belle, o fundador da prática, define o Parkour como uma modalidade esportiva que pode ser entendida como a “arte do movimento”, na qual o praticante realiza percursos no espaço utilizando apenas o corpo para ultrapassar, de forma eficiente e segura, obstáculos físicos que estão em seu entorno (PERRIÈRE; BELLE, 2014). Contraditoriamente, Belle também afirma que o Parkour pode ser entendido como uma filosofia e um estilo de vida, sendo muito mais que um esporte. Essas afirmações apresentam certa ambiguidade na conceituação da prática, não havendo uma definição exata ou campo de atuação bem elucidado.

Nesta investigação, considerou-se o Parkour uma prática corporal, uma vez que se trata de uma atividade que se configura por um conjunto de técnicas referentes a um tempo histórico e com uma organização específica, além de forte presença corporal dos participantes na/pela prática, com caráter dinâmico em sua movimentação corporal e interações sociais determinadas, dando-lhe significado coletivo, mas com finalidades subjetivas, de acordo com sua organização. O espaço da cidade é fundamental em sua fruição, sendo sua concepção e seu desenvolvimento frutos do tempo livre e com componentes lúdicos e ritualísticos presentes (SILVA, 2014).

Em sua dinâmica, os praticantes de Parkour, conhecidos como *traceurs*², o

² São conhecidos como *tracer/traceur* o praticante do sexo masculino, e *traceuse* o do sexo feminino. A palavra significa “traçar” ou “ir rápido”, que é uma designação para as pessoas que praticam Parkour (BARROS, 2014).

praticam em estruturas como muros, escadas, árvores e outros obstáculos físicos. Corridas, saltos e rolamentos são alguns dos movimentos que utilizam para ultrapassar esses obstáculos, sempre de forma segura e eficiente (PERRIÈRE; BELLE, 2014).

Ao se examinar a origem do Parkour, verifica-se que essa prática teve influências do Método Natural, que foi um método de treinamento militar proposto por Georges Hébert. Segundo Jubé (2020), o Método Natural se utilizava de um grupo de movimentos utilitários a serem aplicados no meio natural e em situações da vida comum, elaborados mediante as bases científicas da Educação Física.

Raymond Belle foi influenciado pelo Método Natural durante os anos em que fora soldado e adquiriu conhecimentos de técnicas de deslocamento na selva, mais tarde transmitindo suas habilidades e valores para seu filho David Belle.

De acordo com Perrière e Belle (2014), na década 1980, a modalidade, que inicialmente era praticada na França, ainda não tinha um nome. Foi somente na década de 1990 que o nome *Art du Déplacement* (Arte do Deslocamento) foi idealizado pelo primeiro grupo de *traceurs*, que se chamava *Yamakasi*. Anos depois, o nome Parkour foi disseminado por meio de mídias visuais (filmes e reportagens televisivas), principalmente por David Belle, que apareceu em entrevistas para explicar essa nova forma de explorar a arquitetura urbanística.

As mídias audiovisuais, por sua vez, fomentavam a prática do Parkour em locais proibidos, como prédios particulares, casas abandonadas, locais em construção, entre outros. Nessas reproduções, as imagens muitas vezes apresentavam capacidades físicas levadas ao extremo, com praticantes realizando saltos de um prédio para outro ou se pendurando em pontes, em uma abordagem que acabava por transmitir a ideia de emoção, reconhecimento social e adrenalina. Esses conteúdos midiáticos incitaram novos praticantes a reproduzirem os mesmos movimentos em condições ambientais

semelhantes, porém muitos deles não tinham a mesma base de preparação física e mental do ponto de vista reflexivo para realizar tais façanhas.

Diante do crescimento e da divulgação do Parkour, tem-se que algumas pessoas vivem do ensino dessa modalidade esportiva, e entender como ela tem sido ensinada pode dar uma dimensão de como sua prática vem modificando-se durante os anos, incluindo seus valores e relações com o meio onde é realizada. O desalinhamento dos valores concebidos inicialmente por seu fundador tem dificultado o entendimento do que a modalidade tem se tornado de fato, e, com isso, a prática tem tomado novos sentidos e raízes de interpretação entre os novos praticantes. De acordo com Perrière; Belle (2014):

O problema é que simplesmente não é possível impedir que as pessoas tenham sua própria interpretação. Acho que existem pessoas inteligentes que olham para o Parkour e o entendem (STORMFREERUN, 2014, tradução livre).

A partir do momento em que o Parkour começa a ser difundido por documentários, filmes, eventos e jogos de videogames, sua prática toma proporções mundiais. Academias especializadas começam a desenvolver seus métodos de ensino, e algumas até mesmo fomentam competições. Assim, com maior visibilidade e com sua federalização por meio da Federação Internacional de Ginástica (FIG), surgiram diferentes formas de ensino e desenvolvimento da prática valorizando a competição, em detrimento dos valores iniciais desenvolvidos por David Belle (JESUS, 2020; VECCHIOLI, 2017). Entre esses valores estão a construção de um ser humano mais autônomo, a não competitividade, a busca pelo próprio jeito de se mover, o trabalho em equipe, entre outros.

Nesse contexto, investigar o Parkour na cidade de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, faz-se necessário para se entender sua história e como se deram seus desdobramentos nessa localidade.

Vitória é uma cidade litorânea que abarca diversas atividades corporais ao ar livre, e uma delas é o Parkour, que se tornou popular agregando novos adeptos. Crianças e adultos de várias faixas etárias começaram a praticar o Parkour pelas ruas, praças, parques e pontos turísticos da cidade. Lugares como as escadarias do Palácio Anchieta, Parque Pedra da Cebola, Praia de Camburi, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), entre outros espaços, têm se tornado pontos de encontro para grupos de Parkour realizarem treinos e eventos, como o *Urban Parkour*, realizado anualmente.

Assim, o objetivo geral deste trabalho foi investigar o surgimento e desenvolvimento da prática do Parkour na cidade de Vitória, Espírito Santo, buscando descrever como ocorreu a sua manifestação, compreender sua disseminação ao longo dos últimos anos e analisar quais foram os desdobramentos de sua prática.

Metodologia

Na investigação, optou-se por uma pesquisa qualitativa exploratória. De acordo com Gil (2008, p. 27):

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

Ainda segundo Gil (2008), esse tipo de pesquisa, geralmente, constitui-se como uma primeira abordagem sobre o tema escolhido, com a perspectiva de continuidade investigativa com vistas ao desenvolvimento de novos estudos que possam ampliar os achados.

Com relação ao tipo de instrumento para coleta de dados, optou-se pela entrevista estruturada, com perguntas abertas. Isso porque na pesquisa qualitativa exploratória é comum a realização de entrevistas não padronizadas, sem a necessidade de validação prévia (GIL, 2008). As questões foram elaboradas com base nas

inquietações dos pesquisadores, que desejavam traçar um panorama da prática do Parkour em determinada cidade, no caso Vitória/ES, localizada na Região Sudeste do Brasil.

A escolha do entrevistado pautou-se por sua experiência como professor, praticante e incentivador do Parkour. Houve somente 1 (um) entrevistado, pois o critério adotado foi de acessibilidade, isso em razão das dificuldades impostas pelo isolamento social da pandemia do covid-19 e, também, pela projeção profissional que esse praticante obteve na área de atuação do Parkour na cidade de Vitória/ES nos últimos anos, sendo uma referência para a maioria dos praticantes dessa localidade.

A entrevista foi conduzida por um dos pesquisadores por meio virtual, via chamada de vídeo, e seguiu um roteiro com oito perguntas, a saber:

1. Porque você começou a praticar o Parkour?
2. Há quantos anos você pratica o Parkour?
3. Como você definiria o Parkour?
4. Você saberia dizer como ocorreu a chegada do Parkour na grande Vitória/ES?
5. Como vem sendo ensinado o Parkour atualmente em Vitória/ES?
6. Qual a relação entre o praticante de Parkour e a cidade de Vitória/ES?
7. Você percebe alguma alteração nos conceitos e valores pregados por David Belle na prática do Parkour na cidade de Vitória/ES?
8. Existe algum código de regras morais de utilização da cidade para praticar o Parkour?

Na sequência, a entrevista foi transcrita, textualizada e enviada ao entrevistado, para que ele pudesse identificar-se com o material.

De forma complementar, as informações obtidas por meio da entrevista contaram com o apoio documental do registro de eventos, reportagens, notícias e

documentários sobre o Parkour na cidade de Vitória, então disponíveis na rede mundial de computadores (internet), relacionando os fatos narrados pelo entrevistado com a documentação.

Com base no cotejamento do que foi coletado na entrevista e nos documentos, foram estabelecidas as categorias que tratam da história do Parkour em Vitória, os aspectos pedagógicos de seu ensino-aprendizado desenvolvido pelos *traceurs* capixabas e o seu perfil. Essas categorias compuseram a parte descritiva da investigação.

Esta pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética de Pesquisa da UFES com o parecer consubstanciado nº 4.602.270/2021.

O Parkour e a Cidade de Vitória

O Parkour surge no meio urbano apresentando a cidade como um ambiente fértil para novas descobertas. Prédios, escadarias, praças e monumentos ganham maior percepção e significado para os praticantes. O fundador da modalidade, David Belle, notou que havia caminhos nas cidades que precisavam de vida e que as pessoas poderiam, mediante treinamento, utilizar o corpo para transitar por pontos nos quais a maioria nunca se aventurou. Nesse contexto, parece que a cidade se apresenta como um ambiente intrigante para novos formatos de utilização do espaço, e isso talvez tenha tornado a modalidade tão popular em todo o mundo. De acordo com Tostes (2017, p. 13), as cidades

[...] são constructos que estabelecem relações indissociáveis com seu território e com os habitantes que as ocupam. Nesse sentido, destacam-se os espaços públicos urbanos como fundamentais ao atendimento das demandas humanas de convivência e desenvolvimento social, os quais tendem a fomentar as diversas formas possíveis de apropriação do território urbano.

Com o objetivo de desbravar novos moldes arquitetônicos, Bradford (2016, p. 21) relata, por exemplo, que os escaladores tentam “[...] se posicionar contra o excesso de regras, prezando sempre pela liberdade de explorar as montanhas de forma autônoma

[...]”. O Parkour tem ambas as possibilidades de vivência, pois pode também ser praticado no meio natural, como florestas, montanhas e praias, o que agrega um maior número de possibilidades para explorar ambientes usando apenas o corpo (PERRIÈRE; BELLE, 2014).

Por volta dos anos 2000, as pessoas não sabiam definir bem o que era o Parkour, e essa modalidade era associada com pessoas pulando de prédio em prédio ou cruzando a cidade como se fossem “ninjas urbanos”. Aparições midiáticas incentivam a adesão a essa prática no mundo todo, e na cidade de Vitória esse efeito não foi diferente.

Marcelo Monteiro de Oliveira, 36 anos, mora na cidade de Vitória há 28 anos e conta neste trabalho como foi o início do Parkour no Espírito Santo, mais especificamente em sua capital. Marcelo narra que o início da prática dessa modalidade esportiva ocorreu por volta de 2004, tendo a UFES como principal local de encontro dos primeiros praticantes do estado. Perguntado sobre há quanto tempo praticava o Parkour, Marcelo revela ter 15 anos de envolvimento no Parkour e que a mídia teve forte relação com seu início na prática.

Eu lembro que, na época, os três primeiros filmes que eu vi foram *B13*³... antes do *B13* já tinham lançado os *Samurais dos tempos modernos*, com o grupo Yamakasi, e o segundo [filme] foi *Filhos do vento*, com a mesma galera do Yamakasi. E *Cassino Royale*, com Sébastien Foucan. Quando alguém perguntava de Parkour... “[Tem] aquela parada lá do filme *B13*, aqueles camaradas que saem correndo e pulando, tipo aquela movimentação do filme *007*”. Ou seja, você não explicava o Parkour, você tinha que dar uma referência do que a galera tinha acesso. E acho que isso influenciou muito (MARCELO MONTEIRO, 2021).

Pensando em como o ambiente urbano pode proporcionar a fluência do Parkour, a cidade de Vitória se mostra ideal para o desenvolvimento dessa prática. Um marco importante para sua comunidade foi a capital capixaba ter sido sede, pela primeira vez, do 12º Encontro Brasileiro de Parkour, em 2016, com 250 participantes

³ *B13 – 13º Distrito* é um filme de ação produzido em 2004, no qual David Belle interpreta o protagonista, Leito. Na trama, o personagem vive em um bairro perigoso, que fora abandonado pelas autoridades, e se utiliza de movimentos do Parkour como mecanismo de fuga e ou perseguição (REHBEIN, 2013).

(ESCADARIAS DO CENTRO DE VITÓRIA..., 2016).

O *Urban Parkour* é um evento capixaba organizado pelo entrevistado e já conta com nove edições, tendo a primeira ocorrida em 2009. Tem por objetivo proporcionar a interação entre os praticantes do Parkour e a criação de uma identidade e referências da prática no Espírito Santo. Em Vitória, são palcos desse encontro as famosas escadarias do Palácio Anchieta, Maria Ortiz e São Diogo, que estão situadas no centro da cidade e são patrimônios históricos (VITÓRIA TERÁ O I ENCONTRO..., 2009).

A relação entre os praticantes de Parkour e a cidade de Vitória apresenta-se bastante vantajosa para a prática da modalidade, por ser uma localidade turística que se destaca não somente por sua beleza panorâmica, mas por sua configuração espacial. Seu mobiliário urbano⁴, praças, bancos de pedra, muros de vários níveis de altura, casas e prédios, formam um cenário perfeito para os *traceurs*.

De acordo com o entrevistado, Vitória é, sem dúvida, uma das cidades mais privilegiadas, se comparada com outras metrópoles como São Paulo, Rio de Janeiro ou Belo Horizonte, capitais de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, respectivamente, pois mostra-se mais bem equipada no que se refere à estrutura e custo-benefício. Vitória, com seus prédios, parques e até sua orla marítima, tem sido explorada para o treinamento e socialização dessa prática de percurso.

No que se refere à mobilidade urbana, é também uma cidade privilegiada, considerando que em São Paulo, por exemplo, os locais de treino geralmente são distantes, o que faz com que algum meio de transporte se torne um mecanismo necessário para acessar os pontos da cidade. Nesse contexto, o praticante que possui

⁴ De acordo com o artigo 2º da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000 (BRASIL, 2000), “mobiliário urbano é o conjunto de objetos existentes nas vias e nos espaços públicos, superpostos ou adicionados aos elementos de urbanização ou de edificação, de forma que sua modificação ou seu traslado não provoque alterações substanciais nesses elementos, tais como semáforos, postes de sinalização e similares, terminais e pontos de acesso coletivo às telecomunicações, fontes de água, lixeiras, toldos, marquises, bancos, quiosques e quaisquer outros de natureza análoga”.

uma renda baixa tem sua possibilidade de treinar pela cidade reduzida, considerando seu gasto com deslocamento. Vitória, por ter pontos próximos para o desenvolvimento da modalidade, oferece locais mais acessíveis.

Hoje, principalmente, dá para você fazer tudo de bike. De bike você pode treinar de manhã no centro, você pode treinar na mesma manhã duas horas depois na UFES, você pode treinar na Pedra da Cebola, que é em frente, você pode treinar um tirozinho na praia, você pode treinar no Horto de Maruípe. Tudo isso no mesmo dia [...]. A ideia de localização e das partes de Vitória são muitas boas. O centro de Vitória, por exemplo, tem muita estrutura, principalmente, por essa parte urbana. Se eu quero treinar, por exemplo, em um local que tenha árvores e pedras, a universidade está aberta para gente (MARCELO MONTEIRO, 2021).

A forma como o meio urbano é projetado apresenta-se como um fator essencial para que o Parkour se desenvolva, portanto, a implementação e a distribuição de mobiliários urbanos possibilitam novas aprendizagens e novos desafios. O fato de os locais estarem distribuídos de forma acessível motiva os praticantes a explorarem novas regiões da cidade, possibilitando em um único dia experimentar diferentes pontos. Como o Parkour usa o corpo para se deslocar de um local ao outro, com a maior eficiência possível, conhecer rotas inteligentes na cidade se faz necessário para utilizá-las com mestria quando requisitado. Nesse contexto, Marcelo relata que a comunidade de praticantes ganhou relevância na cidade, principalmente em virtude dos eventos realizados, passando a ser conhecidos pela população não praticante. Destaca ainda que, se não fosse esse acesso facilitado, vários *traceurs* teriam desistido de treinar.

A Sistematização da Prática do Parkour na Capital Capixaba

Para se compreender as abordagens de ensino-aprendizado do Parkour pelos praticantes capixabas e suas referências didáticas, é preciso revisitar as origens dessa prática corporal, que remontam ao século 20, trazendo debates que se aproximem da modalidade contemporânea.

O Método Natural, criado por Georges Hébert, originou-se do Método Francês

de Ginástica⁵, idealizado por Francisco Amorós. A proposta de Amorós, segundo Santos (2012), era desenvolver um método de treino utilitarista, não dando importância a tudo que fosse recreativo e puramente exibicionista, em se tratando do aspecto de movimento corporal. Santos (2012) destaca que, para Hébert, no entanto, a esportivização enfrentava um grande problema, que se refletia na educação e na sociedade. O autor assim elucida:

[...] os corpos estavam perdendo suas referências, não estavam mais situados, tanto geograficamente, por não reconhecer mais o lugar de suas vivências reais e naturais, quanto psicologicamente, por não mais reconhecer-se a si mesmo enquanto corpo que tem identidade. Com o surgimento do esporte não havia mais um lugar natural para a prática corporal ser vivenciada enquanto emoção, alegria, partilha [...] (SANTOS, 2012, p. 81).

O Método Francês de Ginástica e o Método Natural foram modos de treinamento com fortes traços militares e, basicamente, com os mesmos objetivos, sendo eles “[...] ação metódica de exercícios para o aperfeiçoamento físico; aplicabilidade utilitária de tais exercícios na vida diária; desenvolvimento corporal integral; disciplinarização da força física e conseqüentemente da força moral [...]” (SANTOS, 2012, p. 98).

O Método Natural pensado por Hébert era essencialmente pedagógico, mas que se apoiava na ciência como forma de aprimoramento. Nesse processo, pode-se destacar Georges Demeny, fisiologista e pedagogo, um importante aliado para a construção e disseminação do método (SANTOS, 2012).

Jubé (2020) ressalta que a Educação Física pensada pela estrutura pedagógica do Método Natural apresentava “exercícios naturais” utilitários para vida, representados como “família dos 10 exercícios”, que, de acordo com Hébert, poderiam ser adaptados a qualquer tipo de ambiente. O Parkour se apropriou apenas de algumas dessas capacidades, das quais se pode destacar a marcha, a corrida, o salto, o quadrupedismo, o

⁵ Soares (1994, p. 65) afirma que “[...] a partir de 1800 surgiram na Europa, em diferentes regiões, formas de encarar os exercícios físicos. Essas formas receberam o nome de Métodos Ginásticos (ou escolas)”.

trepar e equilibrar, além de compartilhar de valores como altruísmo, cooperação e autocontrole (PERRIÈRE; BELLE, 2014).

O Método Natural tornou-se um sistema de treino eficiente de preparo físico, e por esse motivo o corpo de bombeiros parisiense o adotou a partir de 1913 no treinamento das brigadas de incêndio.

Um combatente de nome Raymond Belle, nascido em 1939, na antiga Indochina, foi educado pelo sistema do Método Natural e se destacou como ginasta, obtendo sucesso quando entrou para elite de bombeiros de Paris. Raymond se aperfeiçoou no *Parcours du Combattant* (Percurso dos Combatentes), baseado no Método Natural de Hébert, que consistia em um treinamento em circuito para ultrapassagem rápida de obstáculos físicos. Esse tipo de treino focava em desenvolver habilidades de deslocamento em modo furtivo, resistir a dor, desenvolvendo uma resistência não somente física, mas mental e emocional, para construir uma blindagem na estrutura humana como um todo. De acordo com Zeric (2008), Raymond entendia esse tipo de treinamento como um aperfeiçoamento corporal em todos os ambientes, visando transformar as ações corporais úteis para ajudar a si mesmo e aos outros em atitudes altruístas.

O conhecimento de deslocamento corporal em obstáculos e os valores importantes no uso de tais técnicas adquiridos por Raymond foram passados para seu filho David Belle, que por sua vez deu início à “Arte do Deslocamento”, que mais tarde ficou conhecida como Parkour. Perrière e Belle (2014), em seu livro *Parkour: des origines à la pratique*, ressaltam que o objetivo do Parkour é ser adaptável a todos os tipos de locais e seu praticante conseguir reagir a todos os tipos de circunstâncias.

A filosofia do Parkour pregada por David Belle dita valores como honestidade, respeito, humildade, sacrifício e trabalho duro. Traçando um paralelo com as artes

marciais, em que é preciso ter um oponente para o aperfeiçoamento mais real da técnica, no Parkour isso não ocorre, porque a técnica é aperfeiçoada por meio do próprio obstáculo. O ato conflitante que a competição gera em determinados esportes, prejudicando, por vezes, a integridade física dos praticantes, não é tratado na base de princípios do Parkour, pois em sua essência ele não é uma modalidade de competição. Assim, a perspectiva do treino do Parkour é quase como um “ritual de movimentos”, nos quais são levados em consideração os aspectos da construção de si, a descoberta e a superação dos próprios medos, condições para lidar com o caos urbano e suas imperfeições estruturais e se mover para além do objetivo padrão (PERRIÈRE; BELLE, 2014; ROCHA, 2009).

Originalmente, de fato, como o alpinismo e ao contrário da dança, o *Parkour* não é um espetáculo e não tem necessidade de um público. Tal característica, porém, muda radicalmente quando o *Parkour* deixa de ser fenômeno de nicho e se torna prática de massa, ou tendência de moda, e, portanto, inevitavelmente a realidade na qual se incluem dinâmicas comerciais. Quando, por um motivo ou outro, o *traceur* solitário sai do anonimato e se torna famoso, como aconteceu com David Belle, com Sébastien Foucan e outros, é inevitável que o aspecto ascético do *Parkour* deles se reduza à vantagem da dimensão espetacular e, portanto, midiática (CAMARA; SANTOS, 2017, p. 32).

Por volta do ano de 1990 ainda não estava definido se o Parkour deveria ser considerado um modelo esportivo, recreativo ou uma cultura de rua, não havendo um consenso entre os praticantes iniciais. Na tentativa de resgatar o Parkour como modelo ginástico, a FIG o adotou como uma de suas modalidades, promovendo campeonatos para sua divulgação. Isso gerou insatisfação entre alguns dos praticantes, que entendiam que os valores do Parkour vão contra a promoção de competições e espetáculos exibicionistas e comerciais (JESUS, 2020; VECCHIOLI, 2017).

Rocha (2009) defende que o Parkour deve ser útil na vida das pessoas, de maneira que promova a autoconfiança, para que busquem modos de enfrentar e resolver problemas cotidianos. Nessa perspectiva, transformar o Parkour em uma prática competitiva desvirtuaria o propósito com o qual foi pensado inicialmente. Marcelo

relata que as ideias de Parkour, como prática filosófica, consciência de ambiente e adaptação não terão tanta relevância quando a FIG tornar o Parkour esportivizado em definitivo. Ainda segundo o entrevistado, esse fato ocorrerá porque a esportivização possibilitará vender e massificar o Parkour mais facilmente.

A Associação Brasileira de Parkour tentou ser tão democrática que ela não definia o que ela acreditava que seria o Parkour e a forma que ele deveria ser trabalhado. Ficou tão aberta que ela teve que acabar, porque não se chegava a um consenso. E o que acontece hoje não se tem um consenso do que é a prática do Parkour ainda. Vai começar agora com a FIG e a esportivização (MARCELO MONTEIRO, 2021).

O que se apresenta é que o Parkour ainda não está bem estruturado, e as competições, apesar de terem facilitado a visibilidade e a comercialização, tornaram os praticantes rivais, descaracterizando a proposta inicial, que era a de não competitividade.

O que você vê muito é competição, a galera fazendo encontro para praticar. Mas dificilmente você vê o pessoal sentando para debater o Parkour, para discutir a prática do Parkour, para além da movimentação. Isso me deixou meio desanimado com a prática do Parkour, porque eu vejo que o Parkour tem um potencial muito além da movimentação em si, que é uma contribuição social mesmo, uma visão diferente da forma de viver (MARCELO MONTEIRO, 2021).

Em relação à abordagem de ensino, a maioria dos praticantes capixabas não teve interesse em sistematizar essa prática ao longo dos anos. Poucos estiveram envolvidos com o ensino-aprendizado da modalidade, o que se explica, talvez, por conta do nível de formação dos *traceurs* capixabas. Como o Parkour ainda não tem uma definição, se é uma modalidade esportiva ou não, isso acaba gerando concepções diferentes sobre seu ensino-aprendizado, e assim a maioria dos praticantes tende a desbravar esse exercício de forma empírica, por meio da experimentação. Nesse contexto, o conhecimento adquirido é passado de praticante para praticante, sem uma preocupação em desenvolver alguma metodologia de ensino.

A galera daqui, que é uma galera mais de periferia, e por não ter muito uma estruturação em nível de formação... a galera nunca se preocupou, por exemplo, em sistematizar a prática do Parkour ou organizar essa prática. Sempre era mais uma ideia de confraternização (MARCELO MONTEIRO,

2021).

O fato de os praticantes não debaterem sobre o Parkour ou não possuírem uma referência de ensino-aprendizado fez com que não fosse criada uma autonomia reflexiva dos valores associados a essa prática. Também é possível identificar a diferença no ensino do Parkour mediante uma metodologia no âmbito acadêmico da pedagogia do movimento e um ensino empírico sem embasamento teórico. Quando perguntado sobre a forma como o Parkour vem sendo ensinado em Vitória, Marcelo relata que sempre houve a necessidade de se desenvolver uma reflexão acerca da pedagogia dessa prática, mas que raramente era explorada pelos praticantes.

E aí a gente entra na ideia da pedagogia, ou seja, se você parar para pensar no que você vai falar, pensar no que você vai fazer e a referência que você dá para as outras pessoas (MARCELO MONTEIRO, 2021).

Por não haver um professor ou mestre (como nas artes marciais e na capoeira), o processo de ensino-aprendizado no Parkour é realizado por meio de uma socialização democrática, em que todos do grupo podem contribuir, tornando a aprendizagem mais dinâmica e criativa. Essa abordagem de ensino, que se faz na interação corpo a corpo, está também presente na capoeira de angola, na qual a da do ensino se baseia na experiência e observação, estando aberta a invenções contributivas para a cultura. Nesse sentido, acredita-se que o “professor de Parkour” poderia dialogar com a pedagogia do movimento como mediador do conhecimento. Segundo Abib (2006, p. 89), “[...] Essa forma de ensinar e aprender guarda muito daquilo que poderíamos chamar de ‘pedagogia do africano’ [...]”. Trata-se de um tipo de pedagogia que expressa uma educação corporal que se relaciona com o ensino-aprendizado que os *traceurs* realizam, de acordo com sua vivência cultural.

Desse modo, em situações de práticas que produzem uma adaptação corporal, os sentidos que apoiam os movimentos executados surgem pela vivência em grupo, e cada

pessoa pode contribuir com o que sabe dentro de um jogo de tentativa e erro. O aprender para dominar a técnica não parte necessariamente de uma estrutura sistêmica e robusta, mas sim de uma combinação de absorver as formas de movimento e da tentativa de reproduzi-las ao seu modo. Rocha (2011) afirma que inicialmente o aprendizado se faz apenas por observação e imitação, e posteriormente esse conhecimento, por intermédio da prática, vai tornando-se mais consistente e sendo apropriado, até chegar o momento em que, além de tê-lo na memória, ele passa a fazer parte da vida de quem aprendeu, que o usa de acordo com a necessidade, cultivando, preservando-o com consciência.

É pela experimentação do corpo em movimento que se descobre suas potencialidades. Quando se busca metrificar a estética dos movimentos, reproduzindo técnicas sem uma possibilidade de inovação, restringe-se o corpo a recriar os valores atribuídos na cultura.

Sobre essa postura, Rocha (2011, p. 46) adverte que

[...] é inegável o valor do corpo nos processos de ensino/aprendizagem estabelecidos na tradição. O uso dele para brincar, cantar, ouvir e celebrar é essencial na construção dos conhecimentos necessários à tradição. Ele é, portanto, local de saber em contínuo movimento de recriação, remissão e transformações perenes do corpus cultural [...].

Marcelo é um dos raros praticantes, desde a chegada do Parkour a Vitória, que sempre esteve interessado em sua parte educacional, o que o levou a graduar-se em Educação Física para melhorar seu conhecimento didático-pedagógico. Esse conhecimento acadêmico atrelado à experiência empírica adquirida ao longo dos anos lhe possibilitou maior reconhecimento como professor de Parkour e influenciador na disseminação da modalidade na cidade. Ele assim relata: “Tem outra vantagem de eu ter sido um dos precursores aqui na grande Vitória. Porque eu acabei me tornando a referência” (MARCELO MONTEIRO, 2021).

Acredita-se que a aproximação do saber científico com essa suposta “arte do

deslocamento humano” poderia promover diferentes ramificações de debates na Educação Física. Moreno (2018, p. 16) aponta que “[...] atualmente não existe uma formação específica consolidada para ser um professor de Parkour no Brasil [...]”, o que reforça a necessidade de inserir o Parkour como conteúdo das práticas corporais no âmbito acadêmico, a fim de gerar novos conhecimentos sobre suas ações transformadoras e saberes reflexivos, preparando melhor novos professores que pretendam atuar na área.

Sobre os Praticantes

Traçando o perfil dos praticantes de Parkour em Vitória, o entrevistado menciona que se trata de pessoas bastante jovens (adolescentes) e de periferia. Esse público, provavelmente, pode ter proporcionado o desenvolvimento mais restrito da prática, no sentido de haver poucas iniciativas para a construção de uma sistematização de seu ensino-aprendizado e organização. Marcelo Monteiro ainda relata que o jovem praticante de Parkour em Vitória, sem formação em nível superior e com baixa renda financeira tem essa prática como uma forma de socialização e companheirismo. Isso deixa pistas para se compreender os motivos que fazem com que o Parkour seja considerado mais uma prática de lazer que uma possibilidade de campo de atuação profissional para os *traceurs*. E também por uma perspectiva de quebra de barreiras para o acesso ao lazer, pois, como menciona Marcellino (1996), a população pobre e periférica muitas vezes não tem acesso aos equipamentos de lazer, o que gera uma demanda não atendida pelas políticas públicas.

A galera que estava com essa visão mais nova não tinha essa preocupação em sistematizar a prática, não tinha essa cabeça mais madura. Então era sempre a ideia de fazer a prática pelo lazer e pelo *hobbie* (MARCELO MONTEIRO, 2021).

Nesse sentido, é possível discutir a relação entre a sistematização do ensino-

aprendizado do Parkour vivido pelos *traceurs* capixabas com os conceitos e valores pregados por David Belle, uma vez que seus praticantes focam o Parkour como uma atividade de lazer.

Ainda é possível, e muito importante, notar que há uma discrepância entre o Parkour praticado nas ruas e divulgado na mídia com o que foi pregado inicialmente por David Belle (PERRIÈRE; BELLE, 2014) e, de forma contraditória, com as ações realizadas pelo próprio David Belle e difundidas amplamente nos meios de comunicação de massa. O entrevistado aponta que David Belle sempre tratou o Parkour de forma comercial e sempre se beneficiou da repercussão dessa prática na mídia, não deixando claro que tipo de contribuição social o Parkour poderia agregar a seus praticantes.

O camarada tem todo seu conceito histórico, mas eu acho que ele teve muitas falhas no processo e deixou muitas lacunas abertas e abriu margem para muita gente fazer muita coisa, que eu acho que não cabe para esse conceito central do Parkour, que é o desenvolvimento do ser, você lidar com o ambiente, lidar com os outros, não só para si mesmo, não só para a movimentação em si (MARCELO MONTEIRO, 2021).

Diante do exposto, considera-se que, quando se abordam práticas corporais contemporâneas, como o Parkour, é preciso ter cuidado em compreender seu processo histórico, buscando mais conhecimentos sobre seus fundamentos técnicos e pedagógicos, para que os praticantes não sofram lesões e tenham consciência de suas potencialidades corporais e também dos dilemas morais e sociais nos quais essa prática está imbricada.

David Belle não tem a obrigatoriedade de ser responsável pela prática, mas, ao mesmo tempo que ele se omite e ganha uma responsabilidade nas questões que surgem na vida das outras pessoas... ele não tem uma obrigação, mas ele tem uma responsabilidade (MARCELO MONTEIRO, 2021).

Pode-se notar que há uma complexidade que corresponde aos anseios do *traceur*, que se vale do próprio corpo para sentir o ambiente e “traduzi-lo” pelo movimento, mas ao mesmo tempo apresenta as regras sociais que devem ser

obedecidas. Nesse caso, a cidade se torna o cenário perfeito de possibilidades, mas, embora ofereça esse tipo de experiência, é preciso estar atento às regras que cada local impõe e o tipo de conduta que deve ser obedecido em cada um deles. O fato de não haver regras explícitas de onde, quando e como treinar faz com que todos os tipos de ambiente sejam relevantes para novos desafios, e cada lugar da cidade pode tornar-se um espaço de treino. Quando perguntado se há algum código de regras moral de utilização da cidade para se praticar o Parkour, Marcelo relata que, na tentativa de reconfigurar o sentido dos espaços, cada praticante tem suas particularidades e modo de entender como utilizá-los. No entanto, frisa que a responsabilidade deve ser encarada coletivamente, que é preciso ter consciência de que, a partir do momento em que se aprende algo que possa impactar o coletivo, você passa a ter responsabilidade com esse aprendizado.

[...] você pode subir nas coisas, você pode subir no telhado, você pode subir na laje. Por quê? Porque você aprendeu e você consegue fazer isso. Mas a questão é: Você deve fazer isso? [...] Tem pessoas que não desenvolveram essa consciência social e moral ainda [...] (MARCELO MONTEIRO, 2021).

Marcelo apresenta problematizações tratando de questões circunstanciais, nas quais a relação de uso coletivo do espaço e as normas de conduta devem estar alinhadas. Cada praticante de Parkour deve entender e cumprir princípios de convivência. No que se refere a um código de regras moral, entende-se que todos podem utilizar os espaços públicos para propagar suas manifestações em diferentes dimensões da cultura, promovendo ações que sejam integrativas e que reflitam a preservação local (FREITAS, 2005).

A representação do Parkour na sociedade interrompe o que está posto como padrão, estabelecendo novos usos ao mobiliário urbano, não se restringindo a regras de uso. A liberdade como possibilidade de ação o torna uma contracultura, que se expressa pelas irregularidades da estética urbana. O processo de adaptação dos corpos dentro dos

ambientes ajuda a redefinir a complexidade que o ambiente representa, permitindo que as pessoas o vivenciem, para depois estabelecerem suas próprias relações com espaço. Sua ação transformadora possibilita uma experimentação corporal dando novos usos a algo óbvio. O *traceur* precisa adaptar-se a todos os tipos de lugares e circunstâncias, é como um jogo de redescobertas, em que o ambiente está posto como desafio e é preciso encontrar seu próprio jeito de confrontá-lo. O Parkour, nesse sentido, surge para lidar com a multiplicidade do ambiente urbano e natural, permitindo criar seu próprio caminho, além de posicionar-se contra as regras impostas, afirmando sua própria “cultura do mover-se, para adaptar-se”.

Considerações Finais

Este trabalho, com suas limitações, buscou traçar um panorama da prática do Parkour em Vitória, capital do Espírito Santo, narrando seu surgimento e desenvolvimento pela ótica de um renomado praticante local, estudioso e divulgador da modalidade.

De acordo com o depoimento do entrevistado, Marcelo Monteiro, o Parkour surgiu em Vitória no ano de 2004 e teve forte influência midiática em sua prática nesse início, destacando que a comunidade do Parkour na cidade ganhou representatividade após a idealização do evento *Urban Parkour*. Marcelo também ressaltou que a cidade é privilegiada, pois possui um bom custo-benefício e boa acessibilidade para o desenvolvimento da prática.

Em se tratando de seu desenvolvimento e disseminação, ao longo dos últimos anos, conforme afirma o entrevistado, a maioria dos *traceurs* em Vitória pratica o Parkour como uma forma de lazer e não se preocupa com abordagens didáticas para seu aprendizado sistemático. Esse aprendizado ocorre majoritariamente de forma

empírica, por meio da observação dos praticantes com mais experiência e habilidade e pela mídia eletrônica. Marcelo também aponta que o perfil dos praticantes é de jovens, a maioria sem formação superior completa, com nível socioeconômico baixo.

Vale mencionar que Marcelo deixa um legado do ponto de vista do ensino dessa prática corporal, sendo uma referência do Parkour na cidade de Vitória, na medida em que contribui no fomento da sistematização e conscientização social dessa cultura que cresceu na rua.

Assim, tomando como base os apontamentos aqui elencados, considera-se importante que a Educação Física, como campo acadêmico que abarca a área de estudos do Lazer, possa inquirir outras demandas referentes ao Parkour, uma vez que, conforme foi possível notar nesta pesquisa, os praticantes encaram essa prática como um momento de lazer e confraternização, que promove a quebra de barreiras de acesso aos equipamentos tradicionais voltados ao lazer. Conclui-se que estudos multidisciplinares que compreendam a relação do Parkour com a mídia e a cultura do movimento no meio urbano se fazem necessários para debates, aperfeiçoamento e troca de saberes.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 26, n. 68, p. 86-98, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622006000100007>.

BARROS, Daniel. Esportes radicais: o histórico do Le Parkour e as características dos seus praticantes. **EFDeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, v. 19, n. 199, 2014. Disponível em: Esportes radicais: o histórico do Le Parkour e as características dos seus praticantes (efdeportes.com). Acesso em: 30 jun. 2021.

BRADFORD, Kika. **Manejo de escalada**: manual sobre questões atuais e a produção de um plano de manejo. Brasil: Acesso PANAM; WWF, 2016. Disponível em: manejoescala.pdf (panda.org). Acesso em: 22 abr. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.098**, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial da**

União, Brasília, DF, 19 dez. 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei10098.pdf>. Acesso em: 3 maio 2021.

CAMARA, R.; SANTOS, F.A.(orgs.). **Urbanidades**: mediações. Brasília, DF: Estereográfica, 2017.

ESCADARIAS DO CENTRO DE VITÓRIA se transformam em cenários para prática de Parkour. **Folha Vitória**, Vitória, 8 dez. 2016. Disponível em: [Escadarias do Centro de Vitória se transformam em cenários para prática de Parkour \(folhavitoria.com.br\)](http://folhavitoria.com.br). Acesso em: 3 maio 2021.

FREITAS, S.C. Arte, cidade e espaço público: perspectivas estéticas e sociais. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 1., 2005, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: ENECULT, 14-15 abr. 2005. Sessão temática Cultura e Práticas Educacionais. Disponível em: Microsoft Word - Sicília Calado Freitas.doc (ufba.br). Acesso em: 30 jun. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JESUS, E. N. **Trajatória do processo de Ensino do Parkour na cidade de Natal/RN**. 2020. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

JUBÉ, C.N. Método Natural de Georges Hébert: princípios e primeiras influências (1905-1914). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 42, e2025, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2019.05.001>.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996.

MONTEIRO, Marcelo. Entrevista concedida a Paula Cristina da Costa Silva e Vitor Ferreira Araújo. Vitória: 2021.

MORENO, J. L. **O ensino do Parkour no Brasil**: primeiras aproximações. 2018. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

PERRIÈRE, Charles; BELLE, David. **Parkour**: des origines à la pratique. France: Amphora, 2014.

REHBEIN, I. F. S. **Proposta metodológica para ensino de Parkour**. 2013. 47 f. Trabalho Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

ROCHA, Duddu. **David Belle** – Eu salto de telhado em telhado. YouTube, 1 ago. 2009. (8min54s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=88oHwbv7hMk> . Acesso em: 27 abr. 2021.

ROCHA, R. M.C. A pedagogia da tradição: as dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro-brasileiras. **Paidéia**, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 31-52, 2011. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/1308> . Acesso em: 31 jun. 2021.

SANTOS, E.L. **A educação do corpo nas décadas de 30 e 40**: fragmentos do Método Natural de Georges Hébert na Educação Física Brasileira. 2012. 188 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SILVA, A. M.. Entre o corpo e as práticas corporais. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 5-20, 2014.

SOARES, C.L. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

STORMFREERUN. **Full David Belle**: interview – the founder of Parkour and star of District B13. YouTube, 27 jul. 2014. (23min59s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZXVvjG2H8c> . Acesso em: 25 dez. 2020.

TOSTES, T.R.S. **Territorialidades no espaço público urbano**: uma análise de praças na cidade de Vitória (ES). 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

VECCHIOLI, Demétrio. Por olimpíada e sem nome, Parkour agora é uma modalidade da ginástica. **UOL**, 11 maio 2017. Olhar Olímpico. Disponível em: <https://olharolimpico.blogosfera.uol.com.br/2017/05/11/por-olimpiada-e-sem-nome-parkour-agora-e-uma-modalidade-da-ginastica/> Acesso em: 3 maio 2021.

VITÓRIA TERÁ O I ENCONTRO de Le Parkour neste final de semana. **Gazeta online**, São Paulo, 21 jul. 2009. Disponível em: <https://ge.globo.com/es/video/le-parkour-reune-praticantes-em-vitoria-es-3932004.ghtml> . Acesso em: 3 maio 2021.

ZERIC (José António Vaz Caraças Telo da Gama). **Raymond Belle**. Parkour Portugal, maio 2008. Disponível em: http://www.parkour.pt/site/artigos/parkour/pt_raymond_belle.html . Acesso em: 3 maio 2021.

Endereço do/a Autor/a:

Paula Cristina da Costa Silva
Endereço Eletrônico: letpau13@gmail.com

Vitor Ferreira Araújo
Endereço Eletrônico: vitorf.ufes@gmail.com